

◦ CARLOS ◦ PARREIRA ◦

---

# SANTA RITA PINTOR

:IN-MEMORIAM:



MCMXIX







Ho je perdido Fernando Pessoa

off<sup>er</sup>  
e saudosamente

(a)ta Parra

como a quem do mais bem-amado  
Compãheiro da sua jornada d'Arte

SANTA RITA PINTOR

13/11/49

: IN-MEMORIAM :

---

*Composto e impresso na Imprensa de Manuel Lucas Torres*

*Rua do Diario de Noticias, 59 a 61 — Lisboa*

◦ CARLOS ◦ PARREIRA ◦

---

# SANTA RITA PINTOR

:IN-MEMORIAM:



MCMXIX





# GUILHERME DE SANTA RITA

Maquete em terra-cota

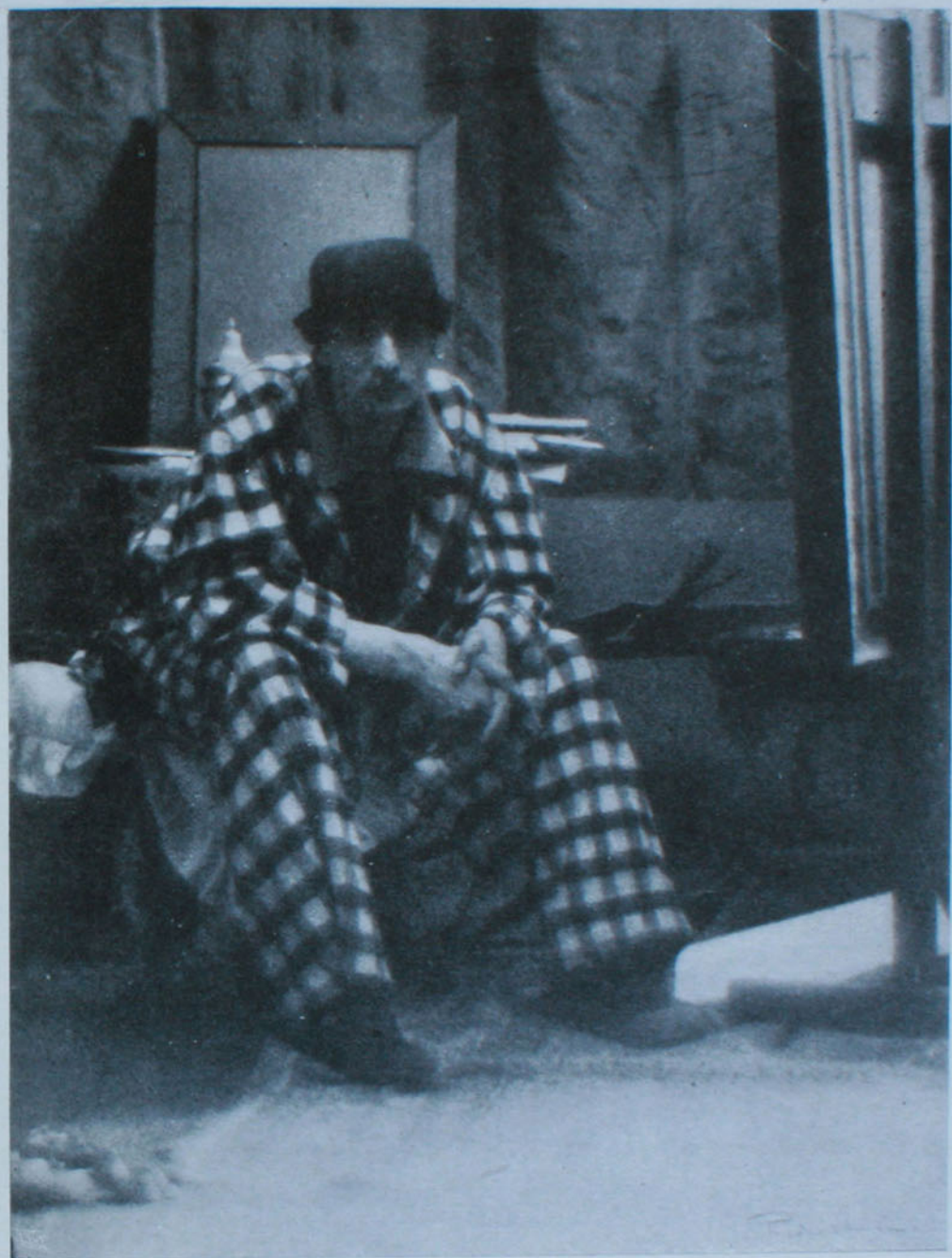
---

Guilherme de Santa Rita, que o despeito caraíba de um jornal, no peixe-e-carne de um dos seus *menus* necrologicos, apostila jogralmente de «um dos mais entusiasticos cultores *d'essa coisa a que se chama para ahi o futurismo*», — Guilherme de Santa Rita era por dentro e por fóra um Artista, um representante legitimo d'essa especie de *exilados*, sempre feridos pelo gume das cousas circundantes, sobrepairando numa atmosfera de abstrações e desdens, ao mesmo tempo fálhos e complexos, argila e chamma, que a Vida pulveriza, como as creanças malignas as azas das borboletas.

Com a sua figura grácilmente exangue de fim de raça, com a sua voz que ora parecia *ter remorsos de falar* — voz de himoptise, a extinguir-se; ora fazia parar na rua,

no mosaico dum café, no simulacro de gruta dum *hall* de exposições, onde certos visitantes vão e veem como peixes mortos boiando á flôr d'agua numa piscina, — fazia deter, com timbres angulosos de cristaes a partir-se, anatomias ruminantes de bons-senhores *effarés*; com o seu perfil de caule em que as andainas-sacos de *kappelmeister* maniaco, *acintosamente* mal aprumadas, evocavam cerimoniaes mysticos de catafalco; com os seus cabelos dum castanho tranzido de escuro, dir-se-iam molhados sobre a fronte dum palôr de camelia branca, como aves da noite que congelassem contra uma esttua de ephebo num jardim; com os seus gestos hiperinquietos, estridentes, chariváricos, *ilustrando* os dialogos com a vertigem dum Claude Monet fixando na têla o bailado loïe-fullleresco dos tons; — Santa Rita era a demonstração viva, a contraprova faiscante deste aforismo de Baudelaire: «*on peut vivre trois jours sans pain, mais on ne peut passer un jour sans poésie.*»

Quem uma vez tocasse o tabernaculo da sua intimidade, aceitasse o convite que elle cavalheirescamente fazia para um *passeio d'Arte* por entre as acacias da Avenida, nalgum entardecer de láca de Florença ou, ás noites, quando os ventos ulúlam os seus leit-motivos de pavor, forçosamente havia de reconhecer que calcurreava a par d'*alguem*, muito diferente do *homo vulgaris*,



SANTA RITA PINTOR

CLICHÉ  
PEDRO LIMA

STUDIO  
AVENIDA DA LIBERDADE



«saco de comida» que Vinci lançou ás feras dos seus sarcasmos teogónicos e n'este paiz dos ceus de porcelana, patria bem amada da mesmice, os *aristos das letras* reeditam; d'*alguem* que nos dominios da Emoção e do Pensamento os fados sagraram gran-senhor e que era como uma antena plurivibratil, halucinatoria, aonde prendiam todos os fios de todas as exquisitezes da sensibilidade moderna.

Elle era, como quase todos os espiritos *ineditos*, um intoxicado d'Arte, possesso da necessidade de drapajar aos quatro ventos a toxina que o esperecia. Razão porque muitos dos seus conhecidos o achavam extravagante, bizarro e manifestavam ante a sua expansibilidade radiosa o espanto colerico da mosca que não pode atravessar a placa flamejante dum vitral *e não sabe porquê*.

Que fôsse possivel existir quem nesse asylo da mendicidade que é, em Lisbôa, a chamada «roda» dos intellectuaes, estalactites de café, onde a sua intelligencia, uma vez ou outra condescendia em aparecer, talvez para se documentar sobre não sei que humoristica compilação dos usos e costumes dos fósseis, — que fôsse possivel existir quem, entre os *superiores e idealistas*, dispensasse *la poésie* nas 24 horas chloroticas ou congestivas do dia-a-dia, eis contra que Santa Rita protestava com

as mais agudas das suas interjeições, agitando em ely-  
pses de mófa os longos dedos piciolados de violinista  
tísico, os seus dedos de bôa linhagem, cheios de expres-  
são, vozeantes d'alma, feitos, como os de Jean Lorrain,  
para o ritual luminico das joias. . .

E nada mais divertido do que assistir então aos  
esforços dos sapos tentando alcandorar-se aos cimos  
em que o meu querido pintor goticisava vôos. Inestima-  
veis melharucos de sonetos lusitanos, poedôres mecani-  
cos de versos coloristas, mais ignorantes do que cava-  
lariços, querendo vêr no analfabetismo a marca da ori-  
ginalidade e com desdens de guardas-portões pelos que  
estudam; prosadores de noticias d'annos; pinturrécos  
sem paleta, que enchem os *godets*, quando muito de  
anilina; rodins de farinha triga, que quando fazem *bon-  
zos* pretendem que os aceitêmos como *bronzes* e quando  
contornam musculos sugerem apenas meias-gravidezes...  
ah, como toda esta companhia de surdos-mudos do es-  
pirito, se não adergava convencê-lo de que não dispen-  
sava *o tal ideal*, tirava depois a feminil vingança, tra-  
tando-o de maluco e de lunatico, em conciliabulos de  
mastins!

«Guilherme de Santa Rita estudou em Paris como  
pensionista do Estado», tagarela um ganimedes de  
*folha d'alface*.

Parabens, seu compadre!

Deixou Santa Rita, como pintor, alguma obra de peso, um consideravel quadro, uma insexual *pochade*, a famosa maquina pictural, em summa, de horroroso estylo *pompier*, que tanto repugnava á sua apurada estêsia e para cuja execução o Estado o pensionava?

Não, amigos. De resto, dispersava força neurica demais em projectos maravilhosos, em concepções imprevistas, em imaginações faúlhantes para poder materialisar o que projectava, o que concebia, o que imaginava.

Diz ali, na minha estante, o *Homem de genio obscuro*, de Fialho: «*Entre a intrepidez dos meus ideaes artisticos e a mesquinharía dos meus recursos picturaes, ha um abysmo de impotencia de que não quero dar prova aos meus contemporaneos.*»

E ouço a voz de Oscar Wilde, seu vizinho de prateleira, a responder-lhe, com esse gesto de desencanto apolineo, tão perverso, que punha azas de grifo no lirismo azul dos seus olhos: «*Voulez-vous savoir, dear, le grand drame de ma vie? — C'est que j'ai mis mon génie dans ma vie; je n'ai mis que mon talent dans mes œuvres.*».

O seu culto entusiastico por *essa coisa a que se chama para ahi o futurismo!*

Encantadoras irreverencias da inepecia!

\* \* \*

Uma noite, na *brasserie* do Largo de Santa Justa, esperavamos ambos, com duas conservadoras chavenas de café, vêr surgir a silhueta eminentemente característica do Fernando Pessoa, em que se justapõem e quase se intersécionam bem inequivocas reminiscencias da velha Mademoiselle, da *Germinie Lacerteux* e do Adrien Sixte, de Bourget.

Santa Rita, fixos em mim, anciosamente, os seus olhos de pedra preciosa, tinha-me revelado já a sua adoração pelo futurista hespanhol Picasso, esse Bonaparte da *réclame*, grande industrial do Genio; /de Severini, de *Salata-me* Boccioni, de Russolo, do seu admiravel quadro *A Revolta*, verdadeira epopeia paroxistica do Movimento, toda em *linhas-forças* de uma intensidade jamais egualada; de Robert Delaunay e das suas *planches* tão ruivamente *réussies*; das predilecções futuristas, evidentes no ultimo livro d'essa bacchante scénica de D'Annunzio, *Forse che sí, forse che no*, duma fantasia rica de tapete d'Oriente... Eu, que lêra na vespera os *manifestos* de Marinetti, extasiava-me ante a frase celebre, archetypica desse rapsôdo presciente do *Hoje* dinamico da Arte: «Um



automovel de aluguel é mais formoso que a *Victoria de Samotracia.*»

Mas Fernando Pessôa não aparecia a dar-nos o *bonbon fondant* da sua conversa, tão eleganciada de flexuosidades mentaes, perspectivando ceus typhicos de inauditismos, como a dum Walter Pater que praticasse a horoscopia...

Já na despedida: — até amanhã —, um de nós lançou o nome de Paul Cézanne, o *precursor* odiado e vilipendiado.

Meu pobre Santa Rita!

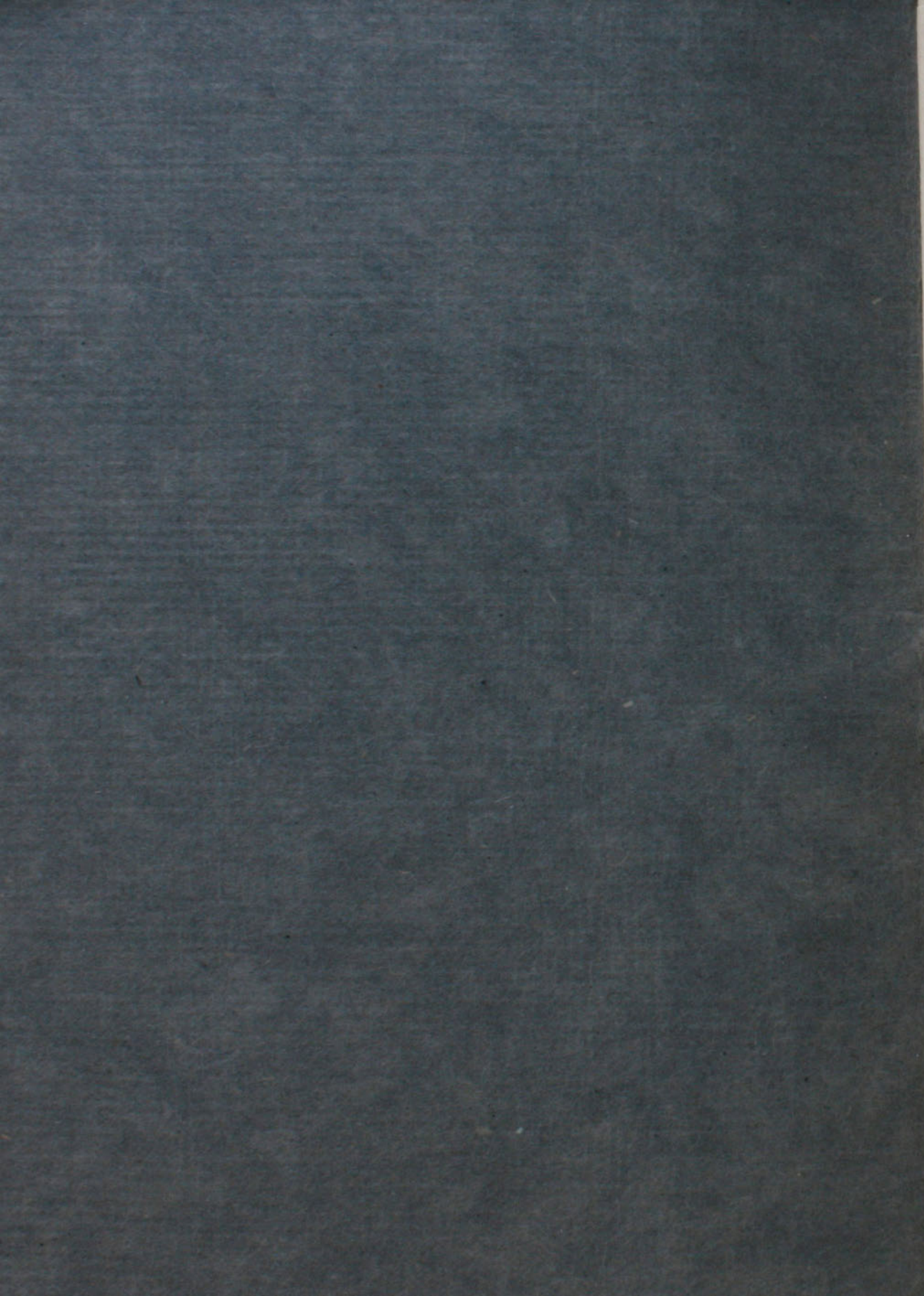
Neste momento em que tento em vão, com a greda das palavras, esculpir o teu perfil na memoria dos que te estimaram e procuro, para o completar, na galeria dolorosa dos teus Antepassados do Pincel, um equivalente do teu espirito e da tua emoção, — é o nome de Paul Cézanne que pronuncio. Como elle, Christo resignado do insuccesso, vêjo-te morrendo, na ante-manhã da existencia, entre os chascos vermelhos da canalha.

Maio de 1918.

*Carlos Parreira.*











ORTYGALIA — EDITORA

LISBOA — 75, RUA DO CARMO, 75

— RIO DE JANEIRO — RUA

BUENOS-AYRES, 145 \* \* \* \* \*

8